

EDITORIAL / EDITORIAL

A Pandemia por Vírus da Síndrome Respiratória Aguda (SARS-CoV-2)



/ Professor Rui Sarmiento

Assistente graduado sénior de doenças infecciosas

Diretor do Departamento de Medicina e do Serviço de Doenças Infecciosas do Centro Hospitalar Universitário do Porto

Professor Catedrático Convidado de Doenças Infecciosas do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto

No final de 2019 foi divulgada, por entidades sanitárias chinesas, a deteção de casos de infeção por um novo coronavírus que veio a ser designado por SARS-Cov-2. As mesmas autoridades sublinhavam a sua rápida disseminação e a elevada mortalidade, na sua maioria, devido a pneumonias graves.

A hesitação inicial da OMS quanto às medidas a tomar, facilitou a globalização da infeção o que levou a que, em março de 2020, a mesma entidade declarasse que estávamos perante uma pandemia. De início foram indicadas medidas de quarentena impostas a casos positivos ou suspeitos e de outros meios de proteção recomendados aos profissionais que lidavam com os doentes internados, mas pouco mais se fez. A indicação de uso de máscara, o controlo das fronteiras terrestres, marítimas e aéreas, e medidas de confinamento foram recomendadas tardiamente.

A letalidade causada por este vírus levou ao isolamento exacerbado de muitos indivíduos e a um enorme medo de contágio. As autoridades sanitárias aconselharam medidas de teletrabalho, de afastamento dos hospitais e dos centros de saúde. Estas e outras políticas, apesar de necessárias, causaram enormes problemas à economia, dificuldades no contacto com doentes e perturbações nas escolas e em muitas outras áreas.

Nos hospitais, numa fase inicial, o contacto telefónico ou por via digital com os doentes foi muito utilizado, mas, quando se suspeitava de agravamento de infeções ou do estado clínico, os doentes foram observados pelos seus médicos ou no serviços de urgência. Logo que a(s) vaga(s) pandémicas atenuaram, o contacto com os doentes foi retomado e os exames, tratamentos e cirurgias mais urgentes foram recuperados.

No dia 1 de março de 2020 foi registada e confirmada, no CHU Porto, a primeira infeção por SARS-CoV-2 em Portugal. Ao fim de três semanas estavam ocupadas todas as 36 camas disponíveis no Serviço de Doenças Infecciosas. A disseminação deste vírus era muito rápida e, por isso, quatro dias depois estavam ocupadas três enfermarias do hospital num total de 102 camas. Esta primeira vaga abrandou por volta de 10 de abril de 2020 na sequência da implementação de medidas de confinamento.

O mesmo aconteceu por todo o país gerando-se, inicialmente, uma situação complicada por falta de recursos materiais e pessoais e pela necessária adaptação dos profissionais da saúde e das estruturas da saúde a uma doença desconhecida. Para dar resposta a esta súbita invasão foram constituídas, em muitos hospitais, equipas multidisciplinares em que os infeciologistas participaram e, por vezes, com elevado nível de responsabilidade.

Até setembro/outubro de 2020 a pandemia abrandou embora continuassem internados doentes em muitos hospitais. A partir daí o SARS-CoV-2 tornou-se muito mais agressivo com impacto violento em todo o país e causando situações muito complexas pelo excesso de doentes que acorriam às urgências dos hospitais.

Foi muito pesado o esforço realizado pelos médicos dos hospitais, incluindo os

intensivistas, mas temos de sublinhar também o trabalho dos colegas da medicina familiar e da saúde pública. E realçar o empenho de todas as áreas dos profissionais da saúde.

A infeção por SARS-CoV-2 atingiu todos os cantos do Mundo. Globalmente foram registados cerca de 224 milhões de casos de que resultaram cerca de 4,7 milhões de óbitos. Os países que registaram maior número de infeções foram os Estados Unidos da América onde cerca de 40,7 milhões de indivíduos foram atingidos e 653 mil faleceram, a Índia onde foram detetados 33,2 milhões de casos e cerca de 442,8 mil óbitos e o Brasil que registou cerca de 21 milhões de casos e perto de 586 mil mortes (dados da OMS de 13 de setembro de 2021).

Em Portugal, na mesma data, estavam confirmados mais de 1 milhão de casos (1,056) e 17.866 óbitos.

O que aprendemos com a pandemia

- Percebemos que esta pandemia não era uma simples "gripezinha". Os responsáveis que o afirmavam colheram péssimos resultados.
- Concluimos que a doença era mais grave nos idosos, sobretudo nos portadores de comorbilidades.
- Pela sua proliferação desordenada o SARS-CoV-2 original deu lugar a diversas variantes com diferentes características que podem não ser controladas pelas vacinas existentes.
- As grandes medidas de contenção da transmissão do SARS-CoV-2 foram a etiqueta respiratória, as estratégias de confinamento e, particularmente, a vacinação da população.
- O trabalho em equipas multidisciplinares, cruzando diversos saberes, foi frutífero e muito apreciado pelos médicos que nelas participaram.
- Todos lutamos contra a escassez de meios e, particularmente, de camas e, também, de recursos humanos o que impõe que estas carências sejam corrigidas. Não basta reconhecer os médicos e outros profissionais como heróis. É preciso que se criem condições de trabalho mais dignas e mais bem compensadas. O SNS está a perder elementos de grande qualidade!

O que não sabemos

Não são poucas as nossas interrogações:

- Este vírus, com as suas variantes, vai perdurar por longos anos como um vírus influenza?
- As vacinas serão capazes de controlar novas variantes?
- Teremos de tomar uma dose de vacina anualmente?
- Teremos fármacos capazes de erradicar este agente?
- Se não vacinarmos as populações de países em desenvolvimento vamos manter a replicação deste vírus e outras vagas assolarão todo o mundo?
- Os países desenvolvidos vão participar no terreno em ações de imunização em países pobres e de baixo nível cultural.

Os infeciologistas portugueses estiveram, em muitos hospitais, na frente do combate ao coronavírus e participaram nos trabalhos de internamento, em serviços de cuidados intensivos, nos serviços de urgência e também na consulta externa.

Estou certo de que os infeciologistas estarão presentes, sempre que necessário, em Portugal ou noutras áreas, na luta contra este vírus que já matou milhões de indivíduos.